

Editorial

Ensinar jornalismo e comunicação no século XXI

Em ano de comemorações de duas décadas do curso de Jornalismo e Comunicação na Escola Superior de Educação de Portalegre, importa não perder a oportunidade para refletir sobre a formação na vasta área das Ciências da Comunicação, considerando as diversas variáveis que hoje se colocam. Desde logo, os desafios que se impõem no quadro de um ensino superior português em mudança que convoca a adoção de novas estratégias e o repensar das antigas. Olhando em particular para os cursos de jornalismo e comunicação, emergem à partida algumas questões: Qual o lugar da teoria e da prática neste modelo formativo? Que sinergias devem ser criadas entre as instituições de ensino superior e a realidade profissional? Que mudanças devem ser implementadas nos modelos formativos em função das novas realidades tecnológica e de mercado? E que lugar ocupa a universidade e o politécnico no ensino do jornalismo e da comunicação? Acresce ainda que, no quadro de profissões exigentes do ponto de vista social e cultural, o ensino do jornalismo e da comunicação assume especial preponderância também pela atual conjuntura do contexto mediático, profundamente influenciado pelas transformações impostas por um novo ecossistema digital e global.

No número especial da revista Aprender que apresentamos, propomos um conjunto de artigos que pretendem contribuir para essa reflexão sobre o ensino do jornalismo e da comunicação.

Partindo do pressuposto de que o jornalismo continua a ter nos dias de hoje um papel importante na sociedade, Pedro Coelho propõe um olhar sobre a realidade portuguesa ao analisar alguns dos cursos de jornalismo em Portugal, sugerindo um modelo de formação para o ensino do jornalismo. Um modelo que, refere o autor, “pressupõe uma articulação direta entre o primeiro e o segundo ciclos, partindo do princípio de que a conclusão do primeiro ciclo não prepara o aluno para uma integração autónoma no mercado”. O artigo de Galvão Júnior compara duas realidades: o ensino do jornalismo radiofónico português e brasileiro. O autor analisa práticas no curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté e no curso de Jornalismo e Comunicação da Escola Superior de Educação de Portalegre e conclui que “os esforços docentes não são centrados na mera manipulação de equipamentos, mas na compreensão do que é rádio e de como esse media se manifesta na atualidade”.

Numa perspetiva um pouco diferente, Fábio Ribeiro lança um olhar sobre a importância da investigação em Ciências da Comunicação e de como os jovens investigadores estão a abraçar esta componente, apesar de as várias dificuldades que enfrentam. Fábio Ribeiro refere que “é cada vez mais importante encontrar na interação, partilha, no debate e no confronto de ideias um espaço contraditório do isolamento e sentimento solitário que este caminho sugere, por depender essencialmente de um esforço pessoal avultado, emocionalmente”. Já Paulo Nuno Vicente explica como nasceu um projeto inovador no panorama português, que procura combinar dois campos que, muitas vezes estão (paradoxalmente) separados: o jornalismo e o ensino do jornalismo. O autor propõe por isso “um ensino do jornalismo (re)centrado na proposta e na viabilização de soluções para problemas do nosso tempo e do tempo futuro. “Defendendo que as universidades devem assumir-se “como espaço de experimentação, de procura de soluções efetivas, sem medo do erro informado.”

Mas, neste número especial, quisemos convocar também os ex-alunos do curso de Jornalismo e Comunicação que seguiram os seus percursos académicos ao incluirmos quatro artigos de mestres, mestrandos e doutorandos que partiram do curso de JC na ESEP para projetos de investigação. É o caso de Sílvia Torres, hoje doutoranda, que propõe um olhar sobre o cartoon “Zé da Fisga” publicado na revista “Notícias” e que é o ponto de partida para uma análise da representação humorística do soldado português na Guerra Colonial. Ana Beatriz Cruz analisa o modo como os utilizadores comentam as notícias sobre as minorias étnicas no Facebook e nos sítios online do Público e do Correio da Manhã e verifica o contributo que (não) dão para o debate público sobre estas matérias. Incluímos ainda dois outros artigos de ex-alunos de JC. Carina Martinho Coelho propõe um olhar sobre o modo como os fotojornalistas portugueses percecionam o lugar que a fotografia tem nas notícias e Maria Clara Barradas analisa o modo como no jornal Público o teatro é abordado.

Luís Bonixe

Sónia Lamy